

Lembrança de Delfim Santos

Joel Serrão (1971)

Prefácio à 2ª edição da obra *Da Filosofia*, Lisboa: Horizonte, [1971], 7-12.

Mais de uma vez lhe ouvi o lamento, naquele seu jeito tão pessoal de casar a mágoa com a ironia: «*Nunca consegui, neste país, ser professor de Filosofia; nem no Liceu o pude ser!*».

Na verdade, quando um Vitorino Magalhães Godinho evoca, com admiração, o seu antigo mestre do Liceu Gil Vicente, ele bem sabe que o encontro com Delfim Santos ocorreu na aula de Geografia. E mais tarde, na Faculdade de Letras de Lisboa, bem o sabem aqueles que foram seus discípulos: mais não logrou do que a docência das cadeiras chamadas pedagógicas. A filosofia propriamente dita ficara reservada, ciosamente, para os «filósofos» da casa, dada a transcendente missão de que se incumbiam: passar o facho da tradição da escola às ansiosas gerações de jovens que têm prolongado, de modo bem conhecido, a excelência de uma «filosofia» e de um «ensino». Adiante!

Não interessa averiguar neste ensejo as razões por que os excepcionais méritos de um Vieira de Almeida não criaram escola: a morte ceifou muito cedo – quem se lembra ainda de Edmundo Curvelo? – o único que poderia ter sido seu idóneo continuador. No que toca a Matos Romão, sob a larga capa do cientismo a que se abrigava, quantos equívocos se entrelaçaram na prática da sua docência álgida e na efetiva timidez de um pensamento rasteiro, incapaz de ganhar altura!

Como admirarmo-nos, pois, de que o ensino de Delfim Santos, conquanto relegado para cadeiras secundárias, tenha sido polo, em dado momento, de uma certa esperança, à qual não deixaram de corresponder tantos discípulos, entre os quais divisamos o vulto franzino do Rui Grácio em busca do seu admirável destino de pedagogo de todos nós, seus colegas de sonhos, de cuidados, de frustrações?

À margem dos afortunados para quem era *normal* ser estudante e universitário, obrigados a ganharmos o pão que o Diabo amassou para sustentarmos um projeto de índole pessoal que se diria – e era – uma loucura mansa, só num ato de exame, – esse combate tão desigual e cruelíssimo em que a escola se comprazia e a que limitava, implicitamente, a sua função! – só então, dizíamos, nos apercebemos, num sobressalto de espanto, da qualidade do magistério de Delfim Santos. É que, não sendo





a isso obrigados, pela nossa condição mais ou menos tolerada, mais ou menos apátrida, de aluno voluntário, tomáramos a liberdade de apresentar uma pequena dissertação sobre um tema do programa da cadeira, que submetíamos confiantemente ao juízo do mestre.

Estamos a vê-lo e a ouvi-lo nesse lance: que *novas* palavras de simpatia humana eram aquelas que soavam no velho casarão do Convento de Jesus?

Atou-se aí um esboço de convívio que só a morte prematura de Delfim Santos, paradoxalmente, levou às suas últimas consequências. Explicamo-nos já, pois não há mistério algum nesse encontro ocasional.

Com efeito, nos anos em que convivemos, sempre um tanto de fuga — em conferências públicas, em casa de amigos comuns, à mesa acidental do café —, nunca se nos deparou um ensejo para uma «confissão» geral, para um *encontro* na plena aceção do termo, no qual fôssemos capazes de nos desprendermos das máscaras com que, tragicamente, nos fingimos, fugindo... Fugindo ao incómodo de ser — a esses raros momentos em que a autenticidade, de longe, se divisa entre névoas.

Ora aconteceu que o amor e a diligência de Manuela Delfim Santos congregaram em torno do espólio literário do filósofo tombado uns tantos amigos, e alguém se lembrou de nós para fazer parte da pequena assembleia. E quando, dispostos à tarefa que nos coubera, nos sentámos à mesa de trabalho reunindo, ordenando, lendo e relendo os papéis do filósofo que não lograra ser professor de Filosofia, — então, só então, é que o encontro se verificou. As máscaras haviam caído, entretanto. E ali estava, irremediavelmente truncada, a obra de uma vida que se nos impunha pela sua arquitetura interna, pela autenticidade da busca, pela qualidade da fala acerca dos indícios de oiro ou de terra firme que o pensador fora entrevendo...

Na verdade, quando a *Obra Completa* de Delfim Santos for dada à estampa — e sê-lo-á em breve —, aperceber-nos-emos todos de que ela representa um dos momentos mais altos da cultura portuguesa, neste tempo de cinzas em que nos coube existir. Ao lado da obra de António Sérgio, tão diferente mas também irremediavelmente truncada, ela avultará como uma das manifestações mais lídimas disso a que apetece chamar, correndo embora o risco de fáceis equívocos, a clandestinidade do ato de cultura, numa sociedade que se diria apostada em negá-lo ou desvirtuá-lo ou corrompê-lo.

Senhor de um estilo aliciante, feito de simplicidade e de eurtímia, Delfim Santos pôde, a partir da intervenção maiêutica do seu mestre Leonardo Coimbra, auscultar as correntes do pensamento europeu contemporâneo, e trilhar um caminho que tanto o singulariza entre nós.



www.delfimsantos.org

Pensador mais de raiz aristotélica do que platónica — e ali principia a sua diferenciação da mundividência sergiana —, o seu pluralismo, bem patente em *Da Filosofia* (1939), que novamente se lança a público, foi o caminho que se lhe afigurou mais idóneo para defender e praticar o ato sempre renovado de liberação individual, sem o qual, a bem dizer, a cultura não é mais do que fachada, do que negação de teor pragmático das virtualidades, sempre em perigo de abortarem, que no homem — nos homens —, se contêm.

Humanista de formação e de ofício, tantas das páginas que nos legou irresistivelmente nos evocam a tarefa de “*faire bien l’homme*” que seduzira um dos seus antepassados, Montaigne.

E se este formoso livrinho, *Da Filosofia*, que ele revia quando a morte o surpreendeu — surpreendeu? tê-lo-ia surpreendido? —, suscita algumas perplexidades e incita à discussão crítica, aceitemos o desafio que, civilizadamente, ele nos lança: refutemo-lo com calor e imaginação. Ainda se não inventou outro meio para salvar aquilo que na atitude mais funda da indagação filosófica é aceno à promoção do homem nos homens, no maior número possível de homens, desagrilhoando-se penosamente da miséria, da ignorância, da mesquinhez dos sentimentos, das sombras tenacíssimas que na Caverna nos velam os contornos da realidade a inventar todos os dias.

Aceitaria Delfim Santos como legítima esta interpretação tão livre e fantasiosa da alegoria platónica? Não preferiria antes que enveredássemos pela austera metafísica aristotélica, mais próxima do pensamento existencial em que comungava?

De uma coisa sim, estamos certos: Delfim Santos não se furtaria ao diálogo, e estaria disposto à pesquisa em comum, nessa levitação do problema que é o segredo da delicadíssima arte de exercer o mestrado do quer que seja. Mestre de Filosofia sem cátedra, perguntam-nos com algum temor se a sua hora não chegará em breve, se não se anuncia já, timidamente, com a republicação deste livro esquecido.

A sua hora... A hora de quem “nunca conseguiu, neste país, ser professor de Filosofia”. E num ápice tudo teria estado — e viria a estar — certíssimo.

Joel Serrão